

VIOLÊNCIA DE GÊNERO: RECEPÇÃO DAS TELENOVELAS TURCAS NO BRASIL

Pricyla Weber Imaral¹

Resumo

Desde 2015 as telenovelas turcas têm recebido grande espaço no cenário brasileiro, primeiramente por iniciativa da Rede de Televisão Bandeirantes e posteriormente através de grupos em redes sociais em que diversas telenovelas são legendadas para o Português. A Turquia tem participação equivalente à do Brasil e do México no mercado da teledramaturgia, alcançando grandes índices de audiência em toda a América Latina. A recepção positiva das telenovelas turcas gera um questionamento sobre a percepção das temáticas que envolvem as tramas. Nesse sentido, torna-se obrigatório mencionar o grande apelo à violência de gênero² envolvendo as telenovelas turcas que foram exibidas em rede aberta. A partir destes pontos, este artigo busca entender os motivos que levam as brasileiras a se interessarem pelas narrativas melodramáticas turcas que, em suma, reforçam estereótipos de gênero e não fazem grandes reflexões sobre o papel da mulher na sociedade. Esta pesquisa se desenvolveu com o uso de um questionário online compartilhado nos grupos de fãs das telenovelas no Facebook. O formulário visou entender a inter-relação entre as percepções das telenovelas no que tange a violência de gênero, buscando compreender quais aspectos das tramas mais atraíam as telespectadoras.

Palavras-chave: Melodrama. Turquia. Violência de gênero.

Gender Violence: Reception of Turkish Soap operas in Brazil.

Abstract

Since 2015 Turkish soap operas have received great attention in Brazilian scene, first with the initiative of Bandeirantes Television Network and later through groups in social media, in which several soap operas are subtitled in Portuguese. Turkey, Brazil and Mexico have the same level of participation in the teledramaturgy market. Turkish soap operas reach a large audience all over Latin America. The positive reception of Turkish soap operas generates some questions about the perception of the themes that involve the plots. In this sense, it is mandatory to mention the great appeal to gender violence involving Turkish soap operas shown in open TV channels. From these points, the intention is to understand the reasons that lead Brazilian women to become interested in these Turkish melodramatic narratives that reinforce gender stereotypes and do not reflect on the role of women in society. This research was carried out using an online quiz shared in soap operas fan groups on Facebook. The form aimed to understand the interrelation between the perception people have about soap operas and

¹ Mestranda em História no programa de pós-graduação da Universidade Federal do Paraná, membro do grupo de pesquisa "Espaços e Sociabilidades". Possui experiência em pesquisa na área de história contemporânea e Oriente Médio. Trabalhou principalmente com as populações curdas na Síria e Turquia e seus projetos de emancipação. Desenvolve estudos voltados à produção televisiva melodramática abordando os seguintes temas: Construção do Estado-nação, populações curdas na Turquia, gênero e honra. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4536182934916690>. E-mail: pricyla.webber@gmail.com

² Violência de gênero é o conceito mais amplo, abrangendo vítimas como mulheres, crianças e adolescentes de ambos os sexos. No exercício da função patriarcal, os homens detêm o poder de determinar a conduta das categorias sociais nomeadas, recebendo autorização ou, pelo menos, tolerância da sociedade para punir o que se lhes apresenta como desvio (SAFFIOTI. 2001, S/p).

Violência de gênero: recepção das telenovelas turcas no Brasil

gender violence, also seeking to know which aspects of the plots most attract viewers.

Keywords: Melodrama. Turkey. Gender violence.

Violencia de Género: Recepción de las Telenovelas turcas en Brasil.

Resumen

Desde 2015, las telenovelas turcas han recibido un gran espacio en la escena brasileña, primero a través de la iniciativa de la Red de Televisión Bandeirantes y, posteriormente, a través de grupos en redes sociales, donde varias telenovelas son subtituladas al portugués. Turquía tiene una participación equivalente a la de Brasil y México en el mercado de teleseries, alcanzando grandes índices de audiencia en toda Latinoamérica. La acogida positiva de las telenovelas turcas genera un cuestionamiento entorno a la percepción de las temáticas que las tramas envuelven. En este sentido, debemos mencionar el gran apelo a la violencia de género vehiculada en las telenovelas turcas que fueron exhibidas en la red abierta. A partir de estos puntos, este artículo busca comprender las razones que llevan a las mujeres brasileñas a interesarse por las narrativas melodramáticas turcas, que, en definitiva, refuerzan los estereotipos de género y no hacen grandes reflexiones sobre el papel de la mujer en la sociedad. Esta investigación se desarrolló utilizando un cuestionario en línea compartido en los grupos de fans de telenovelas en Facebook. El formulario apuntó a comprender la interrelación entre las percepciones de las telenovelas sobre violencia de género, buscando entender que aspectos de las tramas atraían más a las telespectadoras.

Palabras clave: Melodrama. Turquía. Violencia de género.

1. Introdução

A explosão das telenovelas turcas no Brasil começou com a trama *Mil e uma noites*, exibida na Rede Bandeirantes em horário nobre no ano de 2015. Essa história conta a vida da arquiteta viúva Sherazade Evliyaoğlu (Bergüzar Korel). Seu filho pequeno sofre de leucemia e a jovem mãe, então, precisa de um milhão de liras turcas para pagar o transplante de medula óssea para ele. Não tendo onde conseguir o dinheiro, Sherazade pede ajuda ao seu chefe Onur Aksal (Halit Ergenç) que aceita mediante a uma condição: passar uma noite com ela. Desesperada, Sherazade aceita dormir com Onur, que passa a tentar ter mais noites com Sherazade.

A segunda trama, exibida após *Mil e uma noites*, foi *Fatmagül: A força do amor*. Esta trama narra a história de Fatmagül (Beren Saat), uma jovem humilde da região litorânea da Turquia que sofre um estupro coletivo, sendo obrigada a se casar com um dos seus estupradores. Após a exibição de *Fatmagül* a emissora investiu em *Sila, prisioneira do amor*. A história narra a vida de Sila (Cansu Dere), uma jovem curda que é vendida na infância para um rico empresário turco a fim de que seus pais paguem o tratamento de saúde para seu irmão. Quando cresce, a família biológica de Sila vai atrás dela novamente para que se case numa cerimônia de troca de esposas, pois seu irmão Azat (Cemal Toktaş) se envolveu em um crime de honra (raptou a filha de um importante líder político). Para solucionar o problema, existem duas opções: assassinar o casal que cometeu o crime ou fazer a cerimônia de troca de esposas denominada *berdel*³.

Estas três telenovelas abriram o mercado da teledramaturgia turca para o Brasil. Além dessas tramas que se popularizaram na televisão, rapidamente outras tantas começaram a ganhar espaço, principalmente nas redes sociais, nas quais grupos passaram a se organizar para traduzir as principais telenovelas exibidas na Turquia, quase que simultaneamente. Ao analisar os enredos das telenovelas, chama atenção o forte apelo narrativo no que se refere à violência contra mulher. Como exemplos podemos pensar em *Fatmagül* e *Sila*, ambas personagens que foram envolvidas em crimes de honra e violentadas, gerando comoção das

³ "Berdel" é a cerimônia de troca de esposas. Esta tradição visa evitar conflitos ou mortes, muitas das vezes a "desonra" (mulher noiva, ou solteira que fugiu com um homem que não era seu noivo) é paga com quantias em dinheiro, carros, casas, até armas. Em última instância, outra mulher da família da noiva é dada à família que se sentiu desonrada a fim de que a dívida seja paga (KARDAM, Filiz: 2005).

espectadoras, enquanto que Sherazade é obrigada a se prostituir para pagar o tratamento do filho.

Apesar das tramas corriqueiramente pesadas e violentas, contendo inúmeras cenas de violência doméstica, estupros, casamentos forçados e crimes de honra, de início poucas telespectadoras brasileiras se incomodaram com o teor das tramas. Em um questionário desenvolvido no ano de 2019 pela autora, ao questionar se a telenovela “Sila” era considerada violenta, das 152 pessoas que responderam ao questionário, mais de 40% não considerava a narrativa violenta. Em outro questionário posterior, as telespectadoras alegaram que Sila e Fatmagül se tratam de uma boa história de amor, de superação e inspiração. Essa perspectiva se alterou a partir de outras tramas que levaram a debates nas redes sociais, como é o caso da telenovela *Sefirin kizi*, traduzida como “A filha do embaixador”. Esta narra a história de amor entre Nare (Neslihan Atagül), e Sancar (Engin Akyürek). Nare é uma jovem injustiçada que vive um relacionamento abusivo com seu irmão adotivo e seu pai, passando por diversas dificuldades durante a vida, tendo que enfrentar estupro, abandono paterno, violência física e psicológica. Outro ponto que levantou alguns debates sobre a trama é o fato de ter sido escrita por duas mulheres. A partir desse exemplo, podemos apontar que o patriarcado é reproduzido não apenas por homens, como por mulheres também. Nessa trama em específico, as autoras apresentam violência de gênero sem nenhum intuito de problematizá-la. Nessa perspectiva, a socióloga Heleieth Saffioti (2001) alega que muitas das vezes as mulheres assumem o papel patriarcal dentro dessa hierarquia de poder:

A violência simbólica impregna corpo e alma das categorias sociais dominadas, fornecendo-lhes esquemas cognitivos conformes a esta hierarquia, como já havia, há muito, revelado. É exclusivamente neste contexto que se pode falar em contribuição de mulheres para a produção da violência de gênero. Trata-se de fenômeno situado aquém da consciência, o que exclui a possibilidade de se pensar em cumplicidade feminina com homens no que tange ao recurso à violência para a realização do projeto masculino de dominação-exploração das mulheres. Como o poder masculino atravessa todas as relações sociais, transforma-se em algo objetivo, traduzindo-se em estruturas hierarquizadas, em objetos, em senso comum (SAFFIOTI, 2001, p. 118).

Em outras palavras, a “colaboração” de algumas mulheres para a manutenção da violência de gênero faz sentido, pois “Se o gênero é uma maneira primordial de significar relações de poder, nem homens nem mulheres podem se situar fora dele.” (Ibid, 2001, p. 125).

A partir dessas telenovelas apresentadas aqui, como tantas outras não mencionadas, surgem alguns debates a respeito de violência contra a mulher dentro das narrativas melodramáticas turcas, assim a interpretação das audiências se faz de suma importância para compreender, por exemplo, as dinâmicas das violências domésticas e suas percepções dentro e fora do Brasil. As interpretações agora não permanecem apenas sobre um mundo imaginário narrativo do final feliz, mas saem da telenovela e passam a ser debatidas e compreendidas por diversas mulheres no país que, apesar de entenderem o problema, decidem não abrir mão das telenovelas. É sobre esse aspecto que trabalhamos neste questionário: entender quais as demandas e os motivos que levam mulheres a procurarem esses modelos de produções televisivas e o que isso significa no Brasil polarizado de 2020.

2. Perfil das audiências brasileiras

Para entender melhor a audiência das telenovelas turcas no Brasil, é preciso primeiro localizar as telespectadoras e seus interesses. A ideia do questionário irrompe a partir da interação da autora com outras participantes do grupo de fãs das novelas turcas no *Facebook*. Essas interações apontavam para posicionamentos conservadores no tocante à moral sexual e à violência de gênero. O questionário, portanto, teve por objetivo traçar um paralelo entre os motivos que direcionaram o público para esses produtos culturais, com os reflexos da onda conservadora que se consolidou com a eleição do atual presidente da República, Jair Messias Bolsonaro. No que tange às escolhas teóricas, Heleith Saffioti e Lurdes Maria Bandeira foram escolhidas para o debate de gênero e violência sexual devido às suas contribuições significativas sobre o tema, bem como optou-se por Katrine Boaventura e Esther Império Hamburger para discutir recepção, mídia, cultura e gênero.

O questionário em questão focou em três nichos: o primeiro preocupou-se em traçar um perfil das participantes. O segundo se atentou a questões relacionadas à violência de gênero, e por último focamos nas preferências das espectadoras em relação às tramas televisivas. Ao todo a pesquisa continha 28 questões, sendo 13 de múltipla escolha, 6 cuja as respostas deveriam ser “sim” ou “não” e 9 questões discursivas. Os questionamentos de múltipla escolha tinham por propósito traçar o perfil das audiências, e em um segundo momento fazer questionamentos mais genéricos sobre os conhecimentos prévios das participantes, tais como compreender seus conhecimentos sobre crimes de honra e

violência de gênero. As perguntas cujas respostas só poderiam ser respondidas por “sim” ou “não” também eram de caráter introdutórias a fim de traçar uma porcentagem contra ou a favor de algo. Nas perguntas discursivas o interesse estava em descobrir as opiniões e pontos de vista das participantes.

O questionário, desenvolvido na plataforma do Google, ficou disponível por cinco dias na página do grupo “Só mais um episódio séries turcas” no *Facebook*. A página onde o formulário foi disponibilizado é composto por mais de vinte e um mil membros⁴, sendo preenchido por oitenta e nove mulheres de forma anônima. Entre elas, 2,3% possui somente o ensino fundamental; do restante das entrevistadas, 37,2% possuem ensino médio completo, 37,2% nível superior e 23,3% pós-graduação. A faixa etária das telespectadoras é bastante variável, no entanto a maioria encontra-se acima dos quarenta anos, sendo que 53,5% das participantes têm idade entre 40 e 60 anos. Foi questionado às participantes sobre seu entendimento prévio a respeito da violência e crimes de honra (muito abordados nas tramas turcas). No total, 83,5% responderam “sim” para a pergunta “Você sabe o que é crime de Honra?”

Sobre a temática religião, a maioria das entrevistadas se dizem cristãs, somando o total de 80,2%. Nesse sentido, a intenção seria tentar compreender se as participantes se identificavam com as telenovelas turcas devido as narrativas conservadoras ligada à moral religiosa. Em pergunta aberta foi questionado se as respondentes consideravam a Turquia um país mais machista que o Brasil e o porquê. Para esta pergunta, 63% das participantes disseram acreditar que a Turquia é mais machista que o Brasil devido à religião muçulmana. Algumas outras alegaram se tratar de questões culturais: “Sim. Cultura de maioria muçulmana faz com que a mulher não tenha voz. A mulher em grande parte da Turquia está completamente subjugada ao homem, seja marido, pai, tio ou irmão”⁵. Outra participante alega:

A Turquia é um país mais machista que o Brasil, sim. Visto que lá o machismo é, de uma certa forma, apoiado pelo Estado em favor de uma religião oficial de fundamento totalmente machista. Já no Brasil, o machismo vem da falta de estrutura psicossocial e reproduções de ideias fora do contexto real do meio social brasileiro. O machismo no Brasil não se apoia em uma instituição religiosa (Resposta concedida à autora, de forma anônima. Curitiba, 2020).

⁴ Desde a publicação deste questionário o grupo na rede social cresceu exponencialmente. Atualmente o grupo encontra-se com mais de noventa e dois mil membros.

⁵ Resposta concedida à autora, de forma anônima.

Respostas como estas demonstram pouca informação tanto sobre as conexões que o contexto sociopolítico tem com o cenário religioso, tanto brasileiro como também turco. O Brasil é majoritariamente cristão e, assim como a Turquia, também se trata de um Estado laico com um chefe de estado defensor de políticas que convergem com suas crenças religiosas. Recep Tayyip Erdoğan, atual presidente da Turquia, bem como Jair Messias Bolsonaro, defendem a atuação religiosa dentro da política, principalmente em causas entendidas como mais conservadoras, como a questão do aborto e dos direitos das mulheres.

Na Turquia, o aborto é legalizado desde 1983, no entanto, a partir de 2012 sob o governo de Erdoğan este assunto passou a ser questionado novamente. Em um pronunciamento o presidente teria alegado não entender os motivos pelos quais o Estado continua arcando com os custos, do que para ele seria um assassinato (MORETÃO, 2016, p.131). Além disso, o AKP⁶ (partido Erdoğan) rebatizou o Ministério da Mulher para “Ministério da Família e políticas sociais” (CAGAPTAY, 2017, p.188). Por último, no dia 20 de março de 2020, a Turquia se retirou da “Convenção de Istambul” um acordo assinado no Conselho Europeu, com o objetivo de prevenir e eliminar a violência doméstica no país.⁷ Esses dados evidenciam as proximidades entre Brasil e Turquia quanto a moral conservadora, principalmente a respeito das questões de gênero.

Sobre violência e religião, Flávia Pasqualin (2018) alega que o domínio da mulher não possui relações baseadas no sistema de crenças islâmicas, mas sim nos mecanismos sociais de organizações dos papéis masculinos e femininos que surgiram com a criação e consolidação do patriarcado. Neste sentido, as religiões apenas seguem a lógica patriarcal, mas o surgimento das divisões de gêneros não necessariamente estaria ligado à religião. Consoante a isso, a assistente social Maria de Fátima Jerônimo Marques (2009) alega que a violência contra a mulher é mais antiga que a violência de gêneros pautada em aspectos religiosos.

A violência contra a mulher constitui uma das tantas expressões da construção de gênero na sociedade e como tantas outras manifestações de violência, não é um elemento peculiar da contemporaneidade, trata-se de um fenômeno milenar e mundial, caracterizado por estar presente em todas as sociedades,

⁶ Partido da Justiça e Desenvolvimento. Configura-se como um partido conservador defensor atuação islâmica dentro da política.

⁷ Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/mundo/turquia-se-retira-de-acordo-europeu-sobre-violencia-contra-mulheres>> Acesso: 08/06/2021.

independentemente do grau de organização social, econômica e cultural ou religiosa (MARQUES; SOUZA, apud MARQUES. 2009 p.7).

A discussão a respeito da relação entre religião e violência é um objeto que abre caminhos para muitos debates que fogem ao objetivo deste artigo. No entanto, devemos entender que a religião está inserida em um sistema patriarcal, assim como toda a sociedade e acreditar que apenas a religião sustenta o patriarcado, pode ser um tanto quanto equivocado. Apesar disso, não é possível ignorar o fato de que as religiões monoteístas das quais estamos nos referindo aqui, corroboram e atuam socialmente para a manutenção do patriarcado.

Retomando a pesquisa, das mulheres entrevistadas, 50% delas disseram já ter sofrido alguma forma com violência de gênero, seja física, sexual ou verbal. Este ponto é bastante importante para o questionário, visto que a maioria das telenovelas citadas são de cunho violento e apenas uma entrevistada disse ter deixado de assistir "Sila" após a cena de estupro. As cenas das telenovelas podem induzir a gatilhos emocionais, motivo pelo qual poderia gerar um desconforto maior, visto que metade das participantes disseram já ter sofrido algum tipo de violência de gênero. O que acaba não se concretizando pois, conforme veremos mais à frente, essa temática não tem inibido o público. É preciso cautela também ao analisar esta questão, pois seria errôneo acreditar que as telespectadoras assistem tudo de forma passiva, sem gerar nenhuma opinião ou crítica sobre o que estão assistindo. Sobre este aspecto, a autora Katrine Boaventura (2009) trouxe o debate sobre a recepção ativa do telespectador. De acordo com o estudo desenvolvido pela autora, não se pode deduzir que o público recebe as informações produzidas de forma apática, sendo preciso olhar para este público receptor e entender que ele interage e cria suas próprias dinâmicas de interações sociais e trocas. Boaventura questiona a visão do poder "onipotente" e monopolístico da TV através da recepção ativa, citando Jacks e Escosteguy:

[...] Rechaçam a visão do receptor como "recipiente" e do contexto como conjunto de variáveis intervenientes, pois entenderam que a recepção e a influência cultural da televisão precisam ser historicizadas e que a recepção é um processo construtivo dialético e conflitivo (JACKS e ESCOSTEGUY apud BOAVENTURA, 2009, p. 23).

É preciso, portanto, deixar de enxergar as telespectadoras como passivas, pois ao assistir as telenovelas elas podem criar suas próprias relações, interações e ressignificados a respeito dos mais diversos temas. Estudar recepção é complexo e para entender

melhor como o público brasileiro se comporta com as diversas narrativas melodramáticas turcas, seria necessário um trabalho de pesquisa muito maior, que não caberia neste artigo.

3. O que nos diverte hoje?

Ao nos depararmos com as narrativas melodramáticas turcas, nos confrontamos com diversos tipos de violência: cenas de estupros, tapas na cara, puxões, assassinatos e muita violência psicológica. Mas o que essas narrativas trazem para o público brasileiro? Muitas telespectadoras se dizem cansadas de assistir as mesmas narrativas das telenovelas brasileiras e encontraram nas telenovelas turcas uma saída, descobrindo, segundo elas, algo “novo”. Entre os principais motivos que atraem as brasileiras para essas telenovelas, estão o interesse por paisagens e cenários diferentes, curiosidade por outras culturas e línguas e, principalmente, pelo valor cultural dado à família. De acordo com uma telespectadora: “O enredo brasileiro tem deixado a desejar há muito tempo”⁸. Para além disso, outro ponto parece crucial para o redirecionamento do público a esse modelo de narrativa: a censura da televisão turca é muito incisiva no que diz respeito a cenas de beijos e sexo.

Quando questionadas sobre os motivos de sentirem tanto interesse em telenovelas turcas, é quase uma unanimidade a questão relativa ao conservadorismo sexual, conforme aponta a espectadora: “Odeio a TV brasileira, as novelas principalmente. É deprimente, de mau gosto, maus exemplos é só pornografia. Não sou contra sexo, pelo contrário. As novelas turcas não tem muitas cenas explícitas de intimidade, os turcos são bem mais suaves nessa parte”⁹. A questão sexual parece de fato incomodar, outra telespectadora conclui: “Geralmente as novelas turcas não se prendem às cenas de sexo, e dificilmente exibem mulheres seminuas. As novelas nacionais são quase uma sessão de pornô em horário nobre, como se a mulher brasileira já não fosse desvalorizada o suficiente”¹⁰.

Este juízo de valor que surge a partir da narrativa sexual começa chamar atenção por duas situações diferentes: uma, que nos fóruns e grupos das telenovelas no *Facebook*, as mulheres se mostram muito ansiosas para as cenas de beijo e sexo. Quando elas são consideradas “fracas”, as espectadoras reclamam, conforme aponta o comentário da seguidora da página (Só Mais um

⁸ Resposta concedida à autora de forma anônima.

⁹ Resposta concedida à autora de forma anônima.

¹⁰ Resposta concedida à autora de forma anônima.

episódio) no *Facebook*: “Gente, decepcionada com a primeira noite de amor de Ramo e Sibel, Só isso? Esperava mais depois de dez capítulos de expectativa”¹¹. As mulheres do grupo geralmente criam bastante expectativa a respeito das cenas sem censura, conforme aponta outra membra do grupo: “Pegou fogo! #kuzgun¹² O QUE É ISSO GENTE?? Tanto beijo! Albânia acaba de transmitir as cenas do episódio treze sem censura”¹³. Este comentário continha ainda alguns *emojis* de fogo e sirene, enfatizando ainda mais a empolgação da espectadora com a cena que estava vinculada logo abaixo de seu comentário.

O segundo ponto que chama atenção é referente ao conservadorismo presente entre as telespectadoras. É observado que as temáticas de violência e estupro parecem não incomodar tanto quanto cenas de nudez, conforme alega a participante do questionário:

Apesar da violência explícita nas novelas turcas eu ainda prefiro, ao invés das novelas brasileiras. No Brasil a unidade familiar está sendo destruída e é aplaudida por uma minoria. A maioria precisa engolir o ataque constante à moral. Falta de respeito ao sexo, à família, ataque aos ídolos religiosos. Não compactuo com este tipo de comportamento (Resposta concedida à autora de forma anônima. Curitiba, 2020).

No que tange ainda às cenas consideradas inapropriadas, as entrevistadas demonstram que seu maior incômodo nas telenovelas brasileiras são cenas de, nas palavras delas: “pornografia” e “homossexualismo”¹⁴, já que estas estariam afrontando diretamente as famílias brasileiras. Este ponto da pesquisa é significativo se voltarmos para o perfil das mulheres que estão acompanhando as telenovelas, majoritariamente cristãs, que podem representar o perfil do brasileiro conservador em 2020¹⁵. Nesse sentido, seria possível destacar aqui um caráter um tanto

¹¹ Comentário da seguidora na página “Só mais um episódio”. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/1693498280751137/?post_id=2368278013273157>. Acesso em: 16/04/2020.

¹² Referência à telenovela “Kuzgun” de 2019.

¹³ Comentário da seguidora na página “Só mais um episódio” Disponível em: https://www.facebook.com/groups/1693498280751137/?post_id=2276146589152967 Acesso em: 16/04/2020.

¹⁴ Vale ressaltar que o termo “homossexualismo” está em desuso por entender tratar-se de uma palavra preconceituosa, a medida em que considera a homossexualidade uma doença. O que pode evidenciar tanto o desconhecimento da participante como também o seu preconceito.

¹⁵ De acordo com o último censo do IBGE realizado em 2010: 65% da população brasileira era católica e 13,4% evangélicos e protestantes. Esses dados cresceram em comparação com dados dos anos 2000. Fonte: <<https://bit.ly/3cwaqTJ>> acesso em: 20/04/2020.

conservador por parte das telespectadoras, que medem de forma desproporcional a moral sexual e os crimes contra a mulher.

Para a doutora em educação Rosa Maria Bueno Fischer (2002), a televisão constitui-se como um mecanismo pedagógico, que propõe a todos nós que façamos uma análise sobre nossos modos de ser e agir. A autora entende que esse caráter pedagógico da mídia faz uso de um aparato discursivo sobre o que ela chama de “dispositivo da sexualidade”¹⁶. Para ela, esse “dispositivo” acaba por tornar a intimidade algo consumível. Nessa lógica, ela entende que a transformação da vida íntima em espetáculo está diretamente relacionada a preconceitos e a uma série de valores ligados a diversos grupos na sociedade. Isso impactaria, na visão da autora, em modos de ser e considerar nossos “outros”:

Minha preocupação aqui diz respeito a como, nessa prática comunicacional, se produzem ou se veiculam modos de ser e de considerar os nossos “outros”. Certamente, estão em jogo aqui questões de ordem ideológica, questões que envolvem diretamente relações de poder (FISCHER, 2002, p. 160).

Para a autora, a exibição da vida íntima na tevê traz a possibilidade de ampliar nossa compreensão política e social sobre o meio em que estamos inseridos, ou seja, existe a possibilidade de uma análise mais profunda sobre as lutas e políticas sociais, relacionada à afirmação de identidade e diferença, bem como o cruzamento entre o político e o psicológico, entre o social e o individual (Ibid, 2002, p. 160).

O que vemos, no entanto, é uma moral conservadora se fechando para esses modos de ser “feminino” nas telenovelas. A moral conservadora que enxerga na televisão uma afronta direta à família tradicional brasileira não é um evento novo, mas que tem ganhado muito espaço nos últimos anos. Conforme aponta a pesquisadora Vanessa Leite (2019), o aborto, o casamento entre pessoas de mesmo sexo e leis voltadas à educação sexual nas escolas, são temas que conseguem unir amplos setores conservadores da sociedade através de que ela chama de “pânico moral”:

O Brasil tem sido palco nos últimos anos de diferentes controvérsias públicas envolvendo gênero e sexualidade. Essas controvérsias se articulam em um cenário de fortalecimento de conservadorismos e têm como pontos de interseção o confronto de moralidades em

¹⁶ Conceito que a autora traz de Michel Foucault.

relação ao gênero e à sexualidade e a mobilização do discurso de defesa das crianças e dos adolescentes (LEITE, 2019, s/p).

Esse “pânico moral” que surge sobre a “destruição da família brasileira” se faz presente nos discursos de algumas participantes da enquete, conforme apresentado acima. Portanto, precisamos pensar melhor sobre esse padrão de liberdade sexual defendido na televisão brasileira e como ele interage com o público.

Ao longo dos anos a tevê expõe alguns padrões de feminilidade conforme as demandas sociais de cada época. A antropóloga Esther Império Hamburger (2007) argumenta que a televisão sempre trouxe padrões de feminilidade, sejam eles orientados ao público “doméstico”, no papel de mãe, esposa e dona de casa ou à “liberdade” feminina, tanto no que condiz à sexualidade, como ao mercado de trabalho. Com o decorrer dos anos, a televisão, principalmente a partir das telenovelas, acabaram englobando temas que segundo a autora seriam “provocativos”, como segundas uniões e sexo sem casamento. A autora entende que esses novos direcionamentos no que concerne ao papel feminino, podem estar relacionados ao movimento feminista, mas que dificilmente podem ser classificados como tal (HAMBURGER, 2007, p. 165). Hamburger alega que apesar de temáticas mais “liberais” sobre feminilidade nas telenovelas, elas dificilmente fazem algum debate quanto à problematização das relações de gênero. Para a autora, as personagens “fortes” e “liberadas” nas telenovelas não reivindicam igualdade de condições e de salários, cotas, entre outras (Ibid, p. 164).

Em outras palavras, apesar de existirem possibilidades de análise dos modos de ser mulher, ou de desconstruir padrões de feminilidade, algumas das mulheres que participaram da pesquisa não enxergam essa possibilidade fora de um contexto patriarcal da família tradicional brasileira. A feminilidade “liberal” exposta na mídia, para elas, estaria reforçando o que, numa visão conservadora, seria a destruição dos papéis de gênero já previamente definidos socialmente e que, portanto, estariam ameaçando o estilo de vida da mulher brasileira conservadora.

Existem situações graves nas telenovelas turcas como, por exemplo, em *Fatmagül*, a protagonista sofre um estupro coletivo e esse fato parece não ser tão relevante quando comparado a uma cena de sexo consentido em uma telenovela brasileira. Isso fica mais evidente quando questionadas sobre qual telenovela turca é exemplar de uma boa história de amor e superação. As três telenovelas mais citadas foram: *Fatmagül: A força do amor* em

primeiro lugar, *Sıla: Prisioneira do amor* e *Erkenci Kuş*¹⁷. Sobre ter escolhido Fatmagül como sua telenovela preferida, essa telespectadora defende:

Muitas meninas não gostam da novela por causa do abuso e porque Fatmagül casou-se com um dos seus abusadores e concordo, nenhuma mulher deveria passar por isso. Contudo, o que me faz gostar tanto desta série é a superação da mocinha. Mesmo tudo contra ela, não deixou se abater, terminou os estudos, conseguiu abrir seu próprio negócio, tirou sua habilitação. Sinto falta dessa independência feminina nas séries (turcas). Outro ponto que gostei foi que Kerim (marido) mesmo sendo perdoado por Fatmagül, confessa no túmulo de sua mãe que nunca se perdoaria pelo que fez, afinal ele tem consciência de que poderia ter sido evitado se ele tivesse tomado uma atitude em favor de Fatmagül (Resposta concedida à autora de forma anônima. Curitiba, 2020)¹⁸.

A tolerância da violência nas telenovelas turcas é muito significativa, no entanto existem alguns pontos a serem analisados que podem nos dar indícios de como essa tolerância com a temática se reproduz dentro da própria televisão e sociedade brasileiras. Segundo Maria de Fátima Jerônimo Marques (2009), a violência é um dos produtos mais vendidos pela televisão, configurado como um fenômeno social antigo. Para a autora, acontecimentos “chocantes” são exibidos e consumidos à exaustão na televisão: eventos como o “11 de setembro”, o caso “Nardoní”, o caso “Eloá” seriam exemplos desta exploração (MARQUES, 2009, p. 2). Acrescento aqui também os programas apresentados no horário do almoço, como o “190” e “Cidade alerta”, que corroboram para que se faça certa naturalização da violência.

No que tange à violência de gênero, Marques alega que nas matérias jornalísticas os discursos seguem o predomínio da causa psicológica, discutindo principalmente sobre o descontrole emocional do agressor. Desconsiderando-se, portanto, o real motivo dos crimes, que na visão da autora estão alicerçados no patriarcado:

¹⁷ Do gênero comédia romântica, na Turquia é uma telenovela *teen*. Esta trama também não esteve isenta de polêmicas, pois o ator principal Can Yaman já fez declarações machistas a respeito de fãs e colegas de trabalho, causando grande discussão nas redes sociais. Nesse episódio, o público brasileiro defendeu o ator.

¹⁸ A participante está se referindo à punição de Kerim (marido), a telenovela o coloca como vítima numa lógica de classe. Para se livrar da prisão, os três mais ricos conspiram contra Kerim, a fim de fazê-lo casar-se com Fatmagül. Essa situação faz referência ao artigo 434 do antigo código penal turco que permitia o casamento entre um estupro e a vítima. Essa prática consistia basicamente para evitar que o agressor fosse preso (YENER apud EL OUARDAOUI 2019).

A preocupação aqui é o entendimento de que a violência é exercida a partir do desejo racional de maltratar, explorar e agredir, não é, portanto, apenas resultado de descontroles psicológicos. A violência contra a mulher é segundo Fernandes e Mota (2008) um crime do patriarcado que se sustenta no controle do corpo, da vontade e da capacidade punitiva sobre as mulheres pelos homens (MARQUES, 2009. p.3).

Ainda nesse sentido, Heleieth Saffioti (2001) alega que o discurso midiático “reafirma uma visão de um mundo machista” e que se faz necessária, então, a desconstrução da cultura patriarcal, machista e sexista que está presente no cotidiano social.

4. Como o público entende as problemáticas trazidas nas telenovelas?

Adentrando um pouco mais na temática sobre a violência de gênero, e como as participantes da enquete compreendem a problemática trazida na TV, é importante pensar para além do óbvio. Nem todas pensam igual ou compactuam com a forte violência presente na maioria das narrativas. As respostas do público são muito diversificadas, sendo praticamente impossível chegar a uma unanimidade de opiniões. Ao serem questionadas sobre as temáticas da violência de gênero presentes nas telenovelas turcas, a maioria das participantes acreditam na validade do debate; outras, no entanto, apontaram para a forma que os roteiristas expõem os temas: “Muito mal abordada. Geralmente as violências são normais e ninguém faz nada para reverter o quadro”¹⁹. Este entendimento foi expresso em algumas respostas, o apontamento para uma não resolução dentro da trama incomoda algumas pessoas, conforme alega esta participante:

Infelizmente a violência contra a mulher está inserida em todo lugar, seja no país pobre ou rico. É um assunto que deve ser abordado com certeza. O que me irrita em algumas séries é ver o “mocinho” ferrar com o psicológico da menina e no final é tudo justificado, afinal de contas ele só estava com ciúmes. Abuso é abuso! E ele não deveria ser tolerado e nem aceito mesmo em nome do amor. Afinal, a base de qualquer relacionamento seja amorosa ou fraterna é o respeito. (Resposta concedida à autora de forma anônima. Curitiba, 2020).

Este comentário é relevante, pois levanta a questão do ciúme, que nas tramas turcas, assim como nas brasileiras, é tratado com

¹⁹ Resposta concedida à autora de forma anônima.

naturalidade, como algo benéfico para os relacionamentos, ao passo que evidenciaria o amor do personagem enciumado. Sobre isso, Marques (2009, p.7) alega que a naturalização de práticas violentas está implícita na sociedade, porque estas são legitimadas pelos costumes, valores, normas que validam a submissão feminina ao masculino.

A romantização do ciúme acaba gerando certa confusão sobre as relações doentias às quais as “mocinhas” são submetidas dentro das narrativas. Nas redes sociais, as mulheres tendem a se comover com o ciúme, considerando as cenas bonitas, conforme aponta o comentário da seguidora na página “Só Mais um episódio” no *Facebook*: “Eu adoro ver os ‘protas’²⁰ quando ficam loucos de ciúmes e põe o mundo abaixo quando mexem com a mulher que amam... É cada grito que eu dou hahaha [...]”²¹ Esta publicação teve diversas interações, várias participantes comentaram quais cenas de ciúmes mais gostaram.

Situações como estas são muito comuns nas tramas turcas e podem ser explicadas também por um fator cultural que evidencia a pouca interação social entre mulheres e homens dentro do país. A conversa comum entre um homem e uma mulher é motivo para uma cena de muito drama com o “mocinho” descontrolado agarrando a “mocinha” pelo braço. A sensação de posse é uma constante em telenovelas, tanto nas brasileiras, quanto nas turcas. O protagonista em diversas tramas demonstra ter esse poder sobre a mulher, que não tem direito de interagir com outro homem que não seja ele. Pois, logo transforma-se em alvo de alguma ação violenta. Ao fim, o “mocinho” é perdoado por seu comportamento explosivo, à “mocinha” resta ficar presa no relacionamento abusivo, visto que a superação e a redenção para o homem é uma constante nas narrativas.

Vemos aqui um descontrole emocional do protagonista que é valorizado pelo público. Conforme citado anteriormente, comportamentos explosivos por parte dos homens geralmente resultam em violência física contra a mulher. No entanto, o público não parece fazer associações nesse sentido, muito menos existe uma percepção de que este controle do corpo feminino e o comportamento manipulador do “mocinho” podem estar

20 Referindo-se aos protagonistas.

21Comentário da seguidora na página “Só mais um episódio” Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/1693498280751137/?post_id=2370857596348532> Acesso em: 18/04/2020.

associados a uma lógica patriarcal de dominação masculina. Cabe, portanto, trazer à luz o que se entende por patriarcado:

O conceito de patriarcado “traz implícita a noção de relações hierarquizadas entre seres com poderes desiguais”. As diferenças sexuais presentes no ser macho ou fêmea são convertidos em subordinação histórica das mulheres. Segundo esta autora, a violência contra a mulher é um exemplo típico de como as desigualdades se manifestam (RICHARTZ, apud MARQUES, 2009. p.4).

Heleieth Saffioti (2004, p.104), em seu livro “Gênero, Patriarcado e violência”, defende que o patriarcado é um “pacto masculino” para garantir a opressão das mulheres. As relações hierárquicas entre homens e mulheres, assim como a solidariedade entre homens, existem e capacitam a categoria constituída por homens a estabelecer e a manter o controle sobre as mulheres.

Apesar dos assuntos referentes à violência serem recorrentes nas mais diversas tramas – desde as mais leves, no estilo das comédias românticas, aos dramas mais pesados – a questão central é que dificilmente a telenovela gera um debate no que tange violência de gênero. No total, 54,10% das respostas alegaram que as telenovelas turcas não têm por objetivo gerar problematizações sobre violência de gênero, conforme aponta a participante do questionário:

Acredito que em algumas delas servem para debater o problema no país, mas na grande maioria percebo uma naturalização dessa violência. Isso fica claro quando analisamos as séries de maior sucesso no país, que são justamente as que tem mocinhas mais fracas e que sofrem algum tipo de violência do par romântico em questão (Resposta concedida à autora de forma anônima. Curitiba, 2020).

Outra participante alega que as telenovelas servem apenas para reforçar os estereótipos da inferioridade feminina: “Acredito que a temática inserida nas telenovelas não seja para debater violência e sim para retratar o modo de vida e a inferioridade da mulher”²². Outra participante ainda argumenta: “Acho um desserviço, pois na maioria das vezes fazem parecer certo”²³. A produção e reprodução das telenovelas estão inseridas em contextos sociais, e por esse motivo algumas pautas são abordadas. Contudo, a função social entre as produções televisivas da Turquia e do Brasil diverge bastante. No Brasil, existe um padrão de “merchandising social” conforme expõem Gisele Andrade Macedo e Verônica Dantas

²² Resposta concedida à autora de forma anônima.

²³ Resposta concedida à autora de forma anônima.

Meneses (2005). Temáticas sociais são cada vez mais abordadas nas telenovelas brasileiras, a fim de promover mobilização social e ao mesmo tempo gerar lucro. Para as autoras, essa é uma prática que vem acontecendo lentamente desde os anos 1980:

Em 1986, na TV Manchete, Glória Perez inseriu em Carmem a discussão sobre a Aids. Em Explode Coração (1995), já na Globo, a autora levantou o debate sobre crianças desaparecidas. Em Explode Coração, com a grande mobilização em torno das crianças desaparecidas, foi criada uma delegacia especial para tratar do assunto (MACEDO e MENESES, 2005, p. 04).

Dentre outras temáticas abordadas nas produções brasileiras, Macedo e Meneses (2005) chamam atenção para o aumento das denúncias de violência doméstica realizadas durante a exibição da telenovela “Mulheres Apaixonadas (2003)”, em relação a anos anteriores, no estado do Tocantins.

Conforme vimos anteriormente, o público brasileiro tem migrado para as telenovelas turcas, e um dos motivos pode estar associado à moralidade conservadora. Sobre isso, Macedo e Meneses mencionam: “A tevê incorpora tendências emergentes em estado de aceitação ou já aceitas, operando com o código conservador. Mas como precisa avançar na relação com o mercado, conduz o código conservador ao limite do permitido” (TAVOLA apud MACEDO e MENESES. 2005, p. 03–04). Quando a narrativa avança para além do limite aceitável, o público mais conservador se afasta, como aconteceu em Torre de Babel (1998), quando o casal de lésbicas causou rejeição do público e foi retirado da novela em uma explosão de um shopping center (Ibid, p. 05). Esse padrão de comportamento vai ao encontro com as respostas das telespectadoras que enxergam nas narrativas turcas uma saída para sua visão de mundo.

De volta ao questionário: 29,4% das espectadoras acreditam que as telenovelas perdoam os agressores sem trazer reflexões a respeito do comportamento do mesmo. Este ponto dialoga com o próximo tópico abordado na pesquisa. Sobre o final feliz da protagonista, 61,6% das que responderam à pergunta alegam que não existe final feliz para a mulher sem que esta esteja dentro de um relacionamento amoroso. Este ponto é relevante, pois dentre as telenovelas mencionadas nesta enquete, as mais populares continuam “mocinhas” que permaneceram dentro de um relacionamento amoroso no qual o personagem masculino era considerado central para a felicidade dela. As três telenovelas mais citadas como preferidas foram *Erkenci Kuş* e *Kiralık Aşk* (ambas

comédias românticas, ao estilo adolescente com protagonistas inocentes e indefesas, que se apaixonam por um personagem masculino forte). Em terceiro lugar, novamente aparece Fatmagül.

Não podemos deixar de mencionar a constante citação da telenovela Fatmagül: A força do amor. Sua grande popularidade entre o público brasileiro levanta um debate importante a respeito da romantização do estupro. Ouidyane El Ouardaoui (2019), aponta que esta novela explora ingredientes melodramáticos comuns na ficção. Com um enredo alarmante, cria um perfil de público feminino que poderia, em vez de condenar estupradores, simpatizar com eles. Esse é o ponto crucial para compreender como a telenovela contribui para a romantização do estupro. No caso de Fatmagül, Kerim (marido) acaba virando um herói quando é inocentado do crime, e ajuda Fatmagül a se recuperar dos traumas. Ao longo da trama, Kerim descobre que não participou do estupro de fato e esse argumento é utilizado para sua redenção perante o público. Em momento algum é questionado o fato de três de seus amigos violarem uma mulher, e ele assistir passivamente ao crime.

Conforme expõe Ouardaoui (2019), a narrativa toda tem o ponto de vista de Kerim, um homem que foi passivo, mas que se arrependeu, gerando empatia no público por assumir seu erro e aceitar se casar com a vítima. Esses fatores, para a autora, servem apenas para o que ela chama de “purificação” do personagem. No fim, o público se esquece do ocorrido, assim como a “mocinha” também o esquece, visto que se apaixona pelo personagem. A autora cria um alerta para as polêmicas nesta telenovela por incitar os espectadores, principalmente mulheres, a compactuar com a possibilidade de uma história de amor entre uma vítima de estupro e seu agressor (OUARDAOUI, 2019, p.190).

O público não é passivo ao assistir uma produção televisiva, mas não podemos deixar de entendê-la também como uma ferramenta pedagógica, que promove estilos de vida, conforme defende Heloísa Buarque de Almeida (2013). A autora postula que as telenovelas tendem a ensinar algumas coisas, principalmente para as populações mais pobres, de baixa escolaridade e de pouco capital cultural, que entendem a televisão como fonte confiável de informação. Consoante a isso, em “Media Worlds” os autores entendem que os produtos oferecidos na televisão cooperam para a promoção desta “educação” e estilo de vida pretendido (GINSBURG, ABU-LUGHOD AND BRIAN LARKIN, 2002, p.11). É preciso então pensar em quais ideologias narrativas como essas promovem e, nesse sentido, estabelecer um questionamento acerca da passividade feminina frente à situações de violência.

5. Para que serve o feminismo?

Por último, foi questionado se as participantes entendiam o que era o feminismo e se consideravam a si mesmas como feministas. Esta pergunta ficou aberta para que as mulheres se sentissem à vontade para expressar quaisquer opiniões sobre o assunto. Ao total, oitenta e uma pessoas responderam esta pergunta, 54,32% das telespectadoras responderam “sim, sou feminista,” e descreveram o motivo de se intitularem feministas. As outras 45,68% responderam “não, não sou feminista” ou “não me identifico com a causa”. As respostas negativas para a pergunta se mostraram bastante ríspidas e em alguns poucos casos demonstram certo desconhecimento da causa, como esta participante: “feminista é mulher que não se cuida, então, não sou feminista”²⁴, evidenciando o estereótipo de que uma feminista seja “feia” ou “descuidada” da aparência. Outra mulher responde: “Feminismo é quando a mulher acha que é mais que o homem. Não sou feminista”²⁵.

Essas respostas poderiam evidenciar uma falha em um possível diálogo do movimento feminista com mulheres entendidas como conservadoras. Bem como, reflete uma contradição para a resolução de um problema que elas mesmas reconhecem, e muitas já enfrentaram, visto que 50% das mulheres entrevistadas alegaram já ter sofrido violência de gênero. Todas as participantes demonstraram possuir conhecimentos básicos sobre o tema e sobre os crimes de honra, assim como todas as mulheres entrevistadas alegaram ser contra qualquer violência contra a mulher. Contudo, pouco mais de 45% delas não enxergam no movimento feminista uma saída para a solução de pautas relacionados à violência de gênero.

Esse debate nos convoca a questionar a atuação do movimento feminista ao longo dos anos no que tange à temática da violência de gênero. Segundo Heleieth Saffioti (2001), “não se pode negar que haja uma perspectiva feminista, construída ao longo das lutas de mulheres por uma sociedade menos injusta.” Isto é, ao longo da história das mulheres, houve movimentos de resistência contra as diversas formas de violência de gênero, sendo o movimento feminista de grande relevância para a pauta. Segundo Fernandes e Mota (apud Marques, 2009, p.7), no Brasil, foram os movimentos feministas que iniciaram, nos anos de 1970, as denúncias, mobilização e enfrentamento da violência de gênero contra as

²⁴ Resposta concedida à autora de forma anônima.

²⁵ Resposta concedida à autora de forma anônima.

mulheres, que se materializa nos crimes cometidos por homens contra suas esposas ou companheiras. Consoante a isso, a socióloga Lourdes Maria Bandeira (2014, recurso online) entende que na agenda do movimento feminista brasileiro, a questão da violência contra a mulher tornou-se sua principal identidade. Fatores que para a autora, possibilitaram um maior diálogo entre a militância, a academia e a sociedade.

Para Bandeira (2014, p. 451), as militâncias feministas foram responsáveis por criar as condições históricas, políticas e culturais necessárias ao enfrentamento das violências cometidas contra as mulheres no país. A autora ainda chama atenção para a criação de vários espaços de acolhimento e atendimento às mulheres ainda no final dos anos 1970, como: o SOS Corpo de Recife (1978), São Paulo, Campinas e Belo Horizonte (década de 1980), dentre outros. Nesse sentido, Bandeira alega que o Estado atendeu às reivindicações feministas, criando leis como a “Lei Maria da Penha”. Para a autora, outro avanço promovido pelo movimento feminista foi o de garantir que os crimes de violência sexual fossem considerados contra a pessoa, não mais contra os costumes (BANDEIRA, 2014, p. 452).

Sem dúvida, foi o movimento feminista que teve uma atuação múltipla e fundamental em relação ao combate à violência de gênero: por um lado, visibilizou a violência da qual as mulheres eram as “vítimas preferenciais”. Ao mesmo tempo, retirou-o da esfera da vida privada e familiar, legitimando-o como problema político e de saúde pública, envolvendo os direitos humanos das mulheres (Bandeira, apud Bandeira, 2014, p.453).

Por fim, é sabido que a militância feminista associada à comunidade acadêmica, tem atuado de forma ativa contra crimes de caráter patriarcal. Bandeira (2014) alega que os estudos de gênero responsáveis por trazer à luz as relações de poder presentes na sociedade foram responsáveis também para as mudanças no que tange à violência de gênero nos serviços públicos, entendendo que ainda existe um longo caminho a percorrer.

6. Conclusão

A repercussão das telenovelas turcas no Brasil tem gerado grande debate nas redes sociais sobre as narrativas e problemáticas retratadas, fato este que não anula uma possível identificação e romantização da violência. Isto pode ter acontecido por indução da própria trama, visto que, em parte a telenovela acaba se

tornando uma ferramenta educacional, as principais narrativas destacadas aqui, partem para uma superação do trauma através do amor romântico, sem grandes pretensões de problematizar a violência em si. Mesmo que algumas telespectadoras não compactuem e produzam suas próprias dinâmicas de recepção da telenovela, comparado ao grande número de produções televisivas com esse teor, torna-se praticamente impossível não ser atravessada por essa questão.

O perfil das mulheres que assistem às telenovelas é bastante diverso, no entanto na questão religiosidade a maioria professa a mesma fé, o que pode servir como ponto de partida para entender os motivos que levaram o grande público a migrar para as novelas turcas. A busca por inovação de produtos culturais, acompanhado de um público conservador – além da parcela considerável que não se identifica com pautas feministas – podem ter direcionado o público a essas narrativas melodramáticas. Ainda assim, mais da metade das participantes se consideram feministas, indicando que o público que assiste às telenovelas é dividido e produz suas próprias dinâmicas de aceitação e tolerância das tramas.

As telenovelas turcas se valem de personagens masculinos abusivos e violentos, que são trabalhados até o final da série a fim de atingir uma redenção. Enquanto à “mocinha” resta apenas o “final feliz” dentro de uma narrativa de amor romântico. A redenção masculina é o ponto crucial das problemáticas nas telenovelas turcas, existindo pouca opção para a protagonista fora dessa lógica.

É importante observar e refletir sobre o que as mulheres brasileiras andam consumindo, e se existe uma possibilidade de consumo que não compactue com a violência de gênero e atenda a demanda por tramas diferentes das brasileiras. Mas antes disso, essas violências precisam ser identificadas pelo público, pois conforme constatamos nas pesquisas, nem todas enxergam as telenovelas como violentas, este fator pode estar relacionado à naturalização da violência pela própria Televisão brasileira. É preciso compreender também os motivos que elevaram o nível de intolerância com pautas sociais nos últimos anos, visto que o público dos dramas turcos parece não ser mais o mesmo que assistiu a “Mulheres Apaixonadas (2003)”, que foi um marco importante na TV brasileira, ao criar uma rede de denúncias contra a violência doméstica.

Apesar dos avanços de pautas feministas, podemos observar que o debate ainda não atinge determinados setores da sociedade,

indicando um longo percurso a ser percorrido. O público se mostrou bastante tolerante para com a violência de gênero, motivos estes que foram evidenciados pelas respostas das participantes. No entanto, o que chama atenção é uma tentativa de transcender essa etapa (violência), mesmo que de forma ficcional. Por isso é grande o interesse das espectadoras brasileiras pelas histórias de superação das “mocinhas” injustiçadas. O interesse pela mágica Istambul vira uma realidade paralela de realização simbólica de seus próprios sonhos, torna-se um bom lugar para a realização de seus desejos e fantasias.

Bibliografia

ALMEIDA, Heloísa. **“Muito mais coisas”: Telenovela, consumo e gênero.** (Tese de Doutorado). Campinas – SP: Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Campinas, 2001.

ALMEIDA, Heloísa. **Melodrama comercial – Reflexões sobre a feminilização da Telenovela.** *Runa*. Vol. 19. 2002, pp. 163–176.

ALMEIDA, Heloísa. **Consumidoras e heroínas: gênero na telenovela.** *Estudos Feministas*. Florianópolis. Vol. 15 nº1, 280, 2007, pp. 177–192.

BANDEIRA, Lourdes Maria. **Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação.** *Soc. estado*. vol.29 no.2 Brasília maio/ago. 2014. <https://doi.org/10.1590/S0102-69922014000200008>

BOAVENTURA, Katrine. T. **Recepção e Estudos Culturais: Uma relação pouco discutida.** (Dissertação de Mestrado). Universidade de Brasília: Faculdade de comunicação de Pós Graduação. 2009.

CAGAPTAY, Soner. **The New Sultan: Erdogan and the Crisis of Modern Turkey.** London/ New York. 2017

CANCLINI, N.G. **Consumidores e Cidadãos: Conflitos multiculturais da globalização.** Tradução Maurício Santana Dias. 6 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV.** *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.28, n.1, jan./jun. 2002. p. 151–162

FILIZ, Kardan. **The dynamics of honor killing in Turkey: Prospect for action.** Ankara: United Nations Population Fund, 2005.

FERREIRA, Gabrielle Camille. **O fenômeno da ficção televisiva turca: A recepção da telenovela Fatmagül no Brasil.** (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal Do Paraná Curso De Comunicação Social – Publicidade E Propaganda 2017.

GINSBURG, Faye D. ABU-LUGHOD, Lila. LARKIN, Brian. et al. **Media Worlds.** Londres: Anthropology on New Terrain, 2002.

HAMBURGER, Esther Império. **A expansão do “feminino” no espaço público brasileiro: novelas de televisão nas décadas de 1970 e 80.** *Rev. Estud. Fem.* vol.15

no.1 Florianópolis Jan./Apr. 2007 <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2007000100010>.

LEITE, Vanessa. **“Em defesa das crianças e da família”: Refletindo sobre discursos acionados por atores religiosos “conservadores” em controvérsias públicas envolvendo gênero e sexualidade.** Sex., Salud Soc. (Rio J.) no.32 Rio de Janeiro May/Aug. 2019 Epub Sep 09, 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2019.32.07>.

MORETÃO, Amanda S. **Entre, a Modernidade e a Tradição: Empoderamento feminino no Irã e Turquia.** Paco Editorial. 2016.

MACEDO, Gisele. A. MENESES. **Verônica D. A telenovela mulheres apaixonadas e as denúncias contra a violência doméstica em Palmas-TO.** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UERJ – 5 a 9 de setembro de 2005.

MARQUES, Maria de Fátima Jerônimo. **Patriarcado e a reprodução da violência de gênero na mídia televisiva brasileira.** IV Jornada Internacional de políticas públicas. Agosto 200.

OUARDAOUI, Ouidyane. EL. **Romanticizing Rape in the Turkish TV Series: Fatmagul'un Suçu Ne? and the Female Moroccan Fans.** Journal of Applied Language and Culture Studies, 2, p.175–192, 2019.

ONARAN,Aslihan T. **Counterpatriarchal Pleasures of Muslim Turkish Women: A Feminist Ethnography of Rural Women Watching Daytime Television.** Journal of Women of the Middle East and the Islamic World 9; p. 171–193, 2011.

PASQUELIN, Flávia. **A. Sila, Prisioneira de amor: A telenovela turca na sociedade Brasileira** 13º Congresso Mundos de Mulheres & Seminário Internacional, *Fazendo Gênero* Vol.11. p. 1–12, 2017.

PASQUELIN, Flávia. A. **O (des)encanto do casamento intercultural: Brasileiras casadas com muçulmanos estrangeiros.** (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo USP (Tese de Doutorado). Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2018. Ribeirão Preto. 2018

SAFFIOTI, Heleith. **“Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero”.** Cad. Pagu n.16 Campinas 2001. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332001000100007>

SAFFIOTI, Heleith. **“Gênero, Patriarcado, violência”.** Editora Fundação Perseu Abramo. 2004.

SITES ACESSADOS

Aborto divide Turquia <<https://bit.ly/34TA4wV>> Acesso: 18/04/2019.

Execrado na Turquia, polêmico ator causa comoção no Brasil <<https://bit.ly/2yuCA0N>> Acesso em: 10/04/2020.

Mapa da desigualdade de 2019: <<https://bit.ly/2VXEIGv>> Acesso em: 10/04/2020.